

Desinformação na Pandemia da Covid-19: uma Análise de Conteúdo das Temáticas Checadas pelo Estadão Verifica¹

Carolina Toscano MAIA²

Lizete Barbosa da NÓBREGA³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN

RESUMO

Propomos neste artigo uma Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) das temáticas checadas pelo Estadão Verifica, núcleo de checagem de fatos do jornal O Estado de S. Paulo, para combate à desinformação (WARDLE, 2017) durante a pandemia da Covid-19. A partir da amostra analisada, foi possível identificar desinformação sobre a prevenção e tratamento da doença, além da negação da pandemia e desqualificação da vacinação. A ampla disseminação de informações falsas sobre temáticas essenciais para proteção à vida em todos os estágios da pandemia, demonstra que o fenômeno da desinformação é dinâmico e complexo, provoca o engano na interpretação social da realidade e ameaça a vida as pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; *fact-checking*; desinformação; pandemia; Covid-19.

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 impôs diversos desafios para a humanidade, o risco de contágio da doença exigiu planejamento de medidas de proteção e tratamento em caráter de urgência das organizações de saúde, alterando o cenário de sua atuação. Nossos modos de interação foram modificados pela necessidade de distanciamento social e nos tornamos ainda mais dependentes das mídias digitais para interagir, como aponta a pesquisa Painel Tic Covid-19⁴. Os dados revelam o uso mais intensivo da internet através de dispositivos como computador, *notebook* e televisão, além de um aumento no uso de serviços *online*, como bancário, cursos a distância, entretenimento e consumo de informação.

Apesar de toda essa facilidade apresentada, é preciso ressaltar como as mídias sociais podem ser facilmente manipuladas para a disseminação de desinformação (WARDLE, 2017), pois reúnem um número imenso de usuários conectados, demandam

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN), e-mail: caroltmaia@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN), e-mail: liznobreaga@ufrn.edu.br

⁴ Disponível em: <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20200817133735/painel_tic_covid19_1edicao_livro%20eetr%C3%B4nico.pdf> Acesso em: 09 out. 2020.

baixo custo para produção e circulação de conteúdos, incentivam o engajamento, as curtidas, os compartilhamentos de publicações e possuem uma tendência à viralização de conteúdos poderosa. Para Santaella (2019), no âmbito digital as informações surgem de diversas fontes “e, muitas vezes por falta de compreensão dos modos pelos quais as redes funcionam, ou por confusão diante do acúmulo de informações, torna-se mais difícil saber se as histórias ou as notícias são confiáveis ou não” (SANTAELLA, 2019, p. 31).

O imenso fluxo de informações desconstruídas e enganosas sobre a Covid-19 impressiona. Histórias falsas baseadas em teorias da conspiração são utilizadas para atacar entidades científicas e suas recomendações na pandemia. Além disso, há informações falsas em circulação que sugerem o negacionismo da doença, indicam falsos tratamentos, induzem a população ao erro e provocam a descrença em diversos aspectos. De acordo com Paho (2020), a desinformação circula rapidamente e pode ser absorvida a ponto de ir “mudando o comportamento das pessoas e possivelmente levando-as a correr riscos maiores. Isso torna a pandemia muito mais grave, afetando mais pessoas e comprometendo a sustentabilidade do sistema global de saúde” (PAHO, 2020, p. 2). O combate a esse tipo de conteúdo é fundamental e, em alguns casos, pode até mesmo salvar vidas.

Nesse sentido, destaca-se a relevância do *fact-checking* no combate à desinformação. Agências checadoras de fatos, através do jornalismo, atuam na verificação de informações para indicar a veracidade ou correspondência com a realidade, assim como as contradições e mentiras existentes nos conteúdos analisados. E em relação às informações falsas criadas para negar a pandemia ou manipular a percepção das pessoas sobre ela e suas implicações, é possível emitir alertas para a sociedade sobre a falsidade e veracidade dos conteúdos que consomem.

Neste artigo nos propomos a analisar temáticas checadas pelo Estadão Verifica, núcleo de checagem de fatos do jornal O Estado de S. Paulo, sobre a pandemia. Ao longo de julho de 2020, mês em que o Brasil atingiu o pico de mortes, com 32.912 óbitos, foram checadas pela agência 41 temáticas e, a partir dessa amostra, realizamos uma Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). Nos resultados identificamos desinformação em conteúdos relacionados à prevenção, ao tratamento, à vacina, além de negacionismo da doença. Dessa forma, concluímos que a desinformação atingiu temáticas essenciais para a proteção à vida em todos os estágios da pandemia, impossibilitando que a população tomasse as melhores decisões para garantia de sua própria proteção.

A pandemia da Covid-19

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS)⁵, o surto do vírus Sars-Cov-2, correspondente a um novo tipo de coronavírus causador de doenças respiratórias, foi identificado inicialmente em Wuhan, na província de Hubei na China, no mês de dezembro de 2019. A OMS, ao constatar sua ampla disseminação em vários países do mundo, elevou o seu estado de contaminação para o nível de pandemia da Covid-19 em março de 2020. No Brasil, o primeiro caso da doença foi identificado pelo Ministério da Saúde em fevereiro de 2020⁶, na cidade de São Paulo. Mas o então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, afirmou em coletiva de imprensa realizada em abril de 2020⁷, que ao analisar históricos de meses anteriores de pessoas internadas com síndrome respiratória aguda grave, havia indícios de que a doença já poderia ter chegado ao país antes mesmo do que se imaginava. Até o dia 2 de outubro de 2020, foram confirmados no mundo 34.161.721 casos de Covid-19 e 1.016.986 mortes, conforme divulgação da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)⁸ em parceria com a OMS.

Em paralelo a números tão impressionantes e grandes desafios para a humanidade em razão do enfrentamento à pandemia, a circulação de informações enganosas sobre prevenção, tratamento e cura da doença, também está ameaçando a vida das pessoas. O que exigiu que organizações da saúde, como a OPAS e a OMS, divulgassem alertas nesse sentido. Através da divulgação de um folheto informativo⁹, aponta-se duas principais causas para confusão de informações sobre a Covid-19, trata-se da infodemia: “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (PAHO, 2020, p. 2) e da

⁵ Pandemia da Covid-19. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 2 de out. 2020.

⁶ Confirmação do primeiro caso de coronavírus no Brasil. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>>. Acesso em: 2 de out. 2020.

⁷ Coletiva de imprensa. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?time_continue=4067&v=wVdy63JrE_k&feature=emb_logo>. Acesso em: 2 de out. 2020.

⁸ Boletim com número de casos de Covid-19. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19#:~:text=Foram%20confirmados%20no%20mundo%2034.161,2%20de%20outubro%20de%202020>>. Acesso em: 4 de out. 2020.

⁹ Entenda a Infodemia a a Desinformação na Luta Contra a Covid-19. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=5>. Acesso em: 2 de out. 2020.

desinformação: “informação falsa ou imprecisa cuja intenção deliberada é enganar” (*ibidem*).

O excesso de informações pode ser associado especialmente ao âmbito digital, com a sociedade cada vez mais conectada, principalmente às mídias sociais, que incentivam o engajamento a partir de publicações entre seus usuários, contamos com produtores de conteúdos cada vez mais diversificados. Levantamento realizado pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (CETIC)¹⁰, vinculado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil sobre acesso à tecnologias da informação e comunicação em 2019, revela que três em cada quatro brasileiros acessam a internet. Para 99% dos entrevistados, os *smartphones* e outros aparelhos móveis são os mais utilizados para se conectar, seguidos dos computadores para 42% deles. Para 90% das pessoas consultadas, o uso da internet é diário e o serviço mais utilizado para 92% delas, é o envio de mensagens por *WhatsApp*, *Skype* ou *Facebook Messenger*, seguido pelo uso de redes sociais como *Facebook* ou *Snapchat* para 76% e chamadas de vídeo por *Skype* ou *WhatsApp* para 73% dos entrevistados.

Estando tão ativos nessas mídias, os usuários também se tornam dependentes delas para se informar sobre o que acontece à sua volta. Mas essas mídias são constantemente apontadas como facilitadoras da desinformação. A desinformação é compreendida por Wardle (2017) como a criação e o compartilhamento deliberados de informações reconhecidas como falsas. Deste modo, um conteúdo é considerado desinformação quando ele causa danos, quando há uma intencionalidade nisso e uma capacidade de viralização, e é justamente por isso que as plataformas digitais se tornam um cenário propício à sua propagação.

Considerando a pandemia da Covid-19, a desinformação pode trazer riscos reais à saúde das pessoas. Esse tipo de conteúdo geralmente contém descrições enganosas sobre a origem da doença, indicam falsos tratamentos e sugerem curas milagrosas para ela. Pesquisadores da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), mapearam denúncias de informações falsas encaminhadas para o aplicativo Eu Fiscalizo¹¹ e identificaram que de março a abril de 2020, o crescimento foi de 65% e de

¹⁰ Pesquisa sobre o uso da internet no Brasil. <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>>. Acesso em: 3 de out. 2020.

¹¹ Eu Fiscalizo na Pandemia da Covid-19. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-identifica-principais-fake-news-relacionadas-covid-19>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

abril a maio de 2020, 24,6%, revelando que a chegada do novo coronavírus no país foi marcada pela ampla circulação de conteúdos falsos.

A BBC¹² publicou em junho de 2020 uma reportagem que descreve casos de pessoas que acreditaram em desinformação sobre a Covid-19 e arriscaram a própria vida. Através de uma investigação com pessoas afetadas e autoridades médicas, foi identificada uma relação entre as informações falsas e episódios de ataques, envenenamento e mortes ao redor do mundo. A exemplo de ataques a engenheiros de telecomunicações e incêndio de torres de transmissão de telefonia celular no Reino Unido em decorrência de teorias conspiratórias sobre a tecnologia 5G transmitir o vírus. Na Nigéria, foram registrados inúmeros casos de envenenamento por hidroxicloroquina, levando autoridades de saúde do Estado de Lagos a alertar a população contra o uso da substância. No Irã, autoridades afirmaram que centenas de pessoas morreram envenenadas por álcool depois da viralização de mensagens que divulgavam os seus benefícios para tratamento da doença.

Na matéria também se destaca que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, fez especulações sobre diversas supostas curas da Covid-19, como uso do medicamento hidroxicloroquina, indicação de que raios ultravioletas poderiam neutralizar o vírus, uso de desinfetante para limpar o vírus do organismo, entre outras, que causaram bastante transtorno. Na cidade indiana de Indore, médicos que buscavam um paciente infectado foram atacados com pedras em meio à circulação de vídeos no *WhatsApp* que afirmavam que muçulmanos saudáveis estavam sendo sequestrados por profissionais de saúde e contaminados propositalmente com o vírus, deixando dois médicos gravemente feridos.

A crença das pessoas em informações como essas e o constante ataque aos profissionais da saúde e às instituições da ciência, nos remete aos movimentos anticiência existentes no mundo, mas apesar de sua evidência na pandemia, estão relacionados a uma tendência bem mais antiga. Gomide (1996) destaca que movimento anticiência não é novo, indicando que ele surge a partir da física e astronomia de Aristóteles, conhecimentos atacados nos séculos XII e XIV, especialmente pela escola franciscana. Mas que são resgatados do século XV ao XVII e reinstalados na escolástica pelo Papa Nicolau V e os dominicanos. Para o autor, a influência de Aristóteles entre filósofos

¹² Efeitos trágicos da desinformação sobre a Covid-19. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53054554>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

católicos e não-católicos, determinou uma generalizada hostilidade face à ciência nas várias escolas do pensamento filosófico ao longo dos séculos, permanecendo até hoje.

Os movimentos antivacina seguem a mesma tendência cética e hostil em relação às potencialidades de prevenção e cura de doenças através de vacinas. Almeida e Quadros (2020) afirmam que o número de pessoas que discutem a eficácia e a segurança das vacinas no Brasil vem aumentando, noção facilmente percebida pelo aumento da quantidade de grupos que divulgam conteúdos antivacinação nas redes sociais digitais. Essa articulação é evidenciada no *Facebook* entre 2014 e 2019 quando “18 grupos com a temática antivacinação foram criados na mesma rede social digital” (ALMEIDA; QUADROS, 2020, p. 104), o primeiro deles contra a vacina de HPV. As autoras destacam que esse tipo de conteúdo demonstra a desconfiança sobre a eficácia das vacinas, assim como a crença “de que os imunizantes são, na verdade, os causadores das doenças que deveriam proteger; a desconfiança sobre as substâncias que compõem as vacinas; e os reais propósitos de quem impõe a vacinação em massa” (*ibidem*, p. 106).

Conteúdos enganosos no campo da saúde trazem riscos vitais à sociedade, além disso, com a disseminação da ideia de que a vacinação deve ser evitada, várias doenças que foram erradicadas ou podem ser prevenidas, como o sarampo, voltam à nossa realidade. Essa tendência de ataque às narrativas de prevenção e tratamento de doenças segue na direção da vacinação de prevenção à Covid-19. Enquanto a sociedade aguarda os avanços nas pesquisas para desenvolvimento de uma vacina eficaz para prevenção da doença, já circulam nas mídias sociais manifestações contra vacinas que sequer foram aprovadas, a exemplo do vídeo divulgado em setembro de 2020, de um grupo de manifestantes na cidade de Curitiba com cartazes que afirmam: "Não queremos a vacina, nós temos a cloroquina"¹³. O fenômeno da desinformação é dinâmico e complexo, invade vários campos sociais, provoca o engano na interpretação social da realidade e ameaça a vida as pessoas. Medidas efetivas para o seu combate são valiosas e urgentes.

O *fact-checking* como alternativa de combate à desinformação

A partir deste cenário de desinformação que vem ganhando força com o uso das redes sociais digitais e se tornando popular a partir das eleições americanas de 2016, o *fact-checking* ganha cada vez mais destaque. Esta “modalidade” do jornalismo se

¹³ Manifestação contra vacinas. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/09/4873806-video-nao-queremos-a-vacina-nos-temos-a-cloroquina-dizem-manifestantes.html>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

preocupa com a verificação de fatos, declarações e boatos que são ditos por autoridades públicas ou viralizam nas plataformas digitais. A principal diferença deste fazer jornalístico está em dois aspectos: 1) verificar após algo ser declarado e apresentar isto como produto final para o leitor, e 2) apresentar de forma transparente todos os caminhos metodológicos e dados utilizados para se chegar no resultado de determinada checagem.

O *fact-checking* surge no início da década de 90 nos Estados Unidos com o jornalista Brooks Jackson da CNN que é designado para checar as declarações dadas pelos candidatos à presidência. Brooks lança, anos depois, o primeiro site de *fact-checking* do mundo (SCOFIELD, 2019), o FactChecker.org, dando início em 2003 a este movimento que hoje já conta com 301 agências em todo o planeta, de acordo com levantamento feito pelo *Duke's Report Lab*¹⁴.

A verificação apresentada nesse formato no Brasil surge em 2010 de forma pontual com projetos como o 'Mentirômetro' e 'Promessômetro' da Folha de S. Paulo para checar os candidatos em período eleitoral e se fortalece a partir das eleições de 2014, com o projeto Truco da Agência Lupa e o *blog* Preto no Branco do jornal O Globo, e da criação de duas importantes iniciativas brasileiras em 2015: Aos Fatos e Agência Lupa (COSTA; NÓBREGA, 2019). De lá para cá outras iniciativas surgem, como os núcleos de checagens dentro de veículos de comunicação, a exemplo do Fato ou *Fake* do Grupo Globo ou o Estadão Verifica do jornal O Estado de S. Paulo.

O *blog* Estadão Verifica iniciou suas atividades em junho de 2018¹⁵ com o intuito de se tornar o núcleo de checagem do tradicional jornal O Estado de S. Paulo. Coordenado pelo jornalista Daniel Bramatti, editor do Estadão Dados e do Estadão Verifica, atualmente o núcleo conta com uma editora-assistente e dois repórteres, além de outros dois jornalistas que também colaboram com a iniciativa. A verificação de dados feita pelo *blog* é realizada “principalmente por meio de consulta a fontes oficiais sobre o assunto em questão, como bancos de dados públicos e órgãos governamentais” (ESTADÃO VERIFICA, 2020). Além disso, “também podem ser checadadas fontes alternativas, como pesquisas, relatórios e entrevistas com especialistas” (*ibidem*).

¹⁴ Disponível em: <<https://reporterslab.org/fact-checking/>>. Acesso em: 09 out. 2020.

¹⁵ Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/estadao-verifica-vai-checar-fatos-e-desmontar-boatos/>> Acesso em: 04 out. 2020.

A iniciativa é a única¹⁶ brasileira pertencente a um veículo de comunicação que é certificada pelo *Internacional Fact-checking Network*¹⁷ (IFCN). Ser um signatário do IFCN significa que o *blog* responde aos princípios éticos da instituição, que são: Compromisso com apartidarismo e equidade; Compromisso com a transparência das fontes; Compromisso com a transparência do financiamento e da organização; Compromisso com a transparência da metodologia; Compromisso com uma política de correções aberta e honesta. O *Estadão Verifica*, desde o início da pandemia, vem intensificando as suas checagens. Até o fim de setembro já tinham sido publicadas 289 checagens sobre o tema no *blog*, esse compilado pode ser encontrado em um *post*¹⁸ que reúne todos os boatos e desinformações já checadas sobre a doença, a primeira delas no dia 27 de janeiro de 2020, data em que o Brasil ainda não possuía nenhum caso da doença.

O Estadão Verifica checa publicações virais sobre a pandemia de covid-19. As informações falsas enfraquecem a confiança da população em instituições e autoridades médicas. Isso pode dificultar os esforços oficiais no combate da doença ao desencorajar as pessoas a seguir medidas importantes, como a adesão a uma eventual campanha de vacinação (PRATA, 2020, grifos do autor).

As checagens publicadas no *blog* são as realizadas pela própria equipe do *Estadão Verifica* e pelo Projeto *Comprova*, de que o veículo também faz parte. O Projeto *Comprova* é uma coalizão de 28 veículos de comunicação¹⁹ que buscam, por meio de checagens, “identificar e enfraquecer as sofisticadas técnicas de manipulação e disseminação de conteúdo enganoso que vemos surgir em *sites*, aplicativos de mensagens e redes sociais” (COMPROVA, 2020). A coalizão iniciou de forma pontual em 2018 para a cobertura das eleições e desde março de 2020 se voltou para um expediente especial sobre coronavírus, com o patrocínio do *Google News Initiative*²⁰ (GNI), *Facebook*

¹⁶ As outras duas iniciativas brasileiras verificadas são a Agência Lupa e Aos Fatos, ambas são independentes e não pertencem a um grupo de mídia.

¹⁷ Unidade do Instituto Poynter - centro de pesquisa e atuação em jornalismo baseado na Flórida, Estados Unidos, que busca “apoiar uma cultura em expansão de iniciativas de verificação de fatos, promovendo as melhores práticas e intercâmbios nesse campo” (POYNTER, 2019). Disponível em: <<https://www.poynter.org/ifcn/>>. Acesso em: 04 out. 2020.

¹⁸ Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/veja-todas-as-checagens-sobre-coronavirus-publicadas-pelo-estadao-verifica/>> Acesso em: 04 out. 2020.

¹⁹ O Estado de S. Paulo, SBT, GaúchaZH, Poder360, Gazeta do Povo, Exame, Veja, Correio do Povo, O Povo, Piauí, Nexo, BandNews FM, Nova Escola, AFP, Sistema Jornal do Comercio, NSC, Folha de S. Paulo, Gazeta Online, UOL, Gazeta do Sul, Correio do Estado, Correio de Carajás, Diário do Nordeste, Estado de Minas e O Popular. Disponível em: <<https://projeto comprova.com.br/>> Acesso em: 09 out. 2020.

²⁰ Disponível em: <<https://newsinitiative.withgoogle.com/intl/pt-br/>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

*Journalism Project*²¹, *First Draft News*²² e *WhatsApp*²³ e apoio da Fundação Armando Alvares Penteado²⁴ (FAAP). A iniciativa se orienta por cinco princípios básicos: Rigor; Integridade e imparcialidade; Independência; Transparência e Responsabilidade ética. Além disso, classifica as checagens em Enganoso, Falso, Sátira e Comprovado.

Para realizar a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) com um aprofundamento das principais temáticas de desinformação, optamos por realizar um recorte mensal de julho, mês em que o Brasil atingiu o pico de mortes, foram 32.912 óbitos, conforme mostrado pelo jornal O Globo:



Figura 1 – Gráfico de casos e mortes mensais pela Covid-19 no Brasil
Fonte: Jornal O Globo²⁵

Análise de Conteúdo

Realizamos a Análise de Conteúdo a partir de Bardin (1977), para a autora “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 1977, p. 31, grifo da autora). As técnicas de análise nestes procedimentos buscam descrever os conteúdos das mensagens e indicadores que “permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção” (BARDIN, 1977, p. 42). A autora aponta três fases da AC: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

²¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/journalismproject>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

²² Disponível em: <<https://firstdraftnews.org/>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

²³ Disponível em: <<https://www.whatsapp.com/coronavirus/?lang=pt-br>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

²⁴ Disponível em: <<http://www.faap.br/>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

²⁵ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/mortes-pela-pandemia-do-coronavirus-caem-23-em-1-mes-24672399>>. Acesso em: 04 out. 2020.

Na fase de pré-análise optou-se por primeiro fazer a coleta das matérias a partir de todas as publicações do Estadão Verifica do mês de julho de 2020. Assim, encontramos 84 checagens de todos os temas e dessas identificamos 41 checagens, de 01/07/2020 a 31/07/2020, que abordam Covid-19. O recorte foi realizado para que possamos encontrar, dentre as checagens selecionadas, os temas mais recorrentes de desinformação e a origem dos boatos, além do alcance desse material desinformativo no mês em que o Brasil alcançou o número de mortes. Esta primeira etapa de seleção do material já nos permitiu refutar a hipótese de que no mês de julho a Covid-19 predominou nas checagens. Apesar de ter sido o tema mais recorrente, a pandemia representou menos de 50% das checagens realizadas neste período.

A fase de exploração do material constituiu-se, principalmente, na codificação das matérias a partir da leitura delas. Para Bardin (1977), esta etapa de codificação:

(...) corresponde a uma transformação – efectuada (sic) segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto (BARDIN, 1977, p. 103).

Com a codificação, categorizamos os principais alvos de desinformação em relação à Covid-19, identificando em cada matéria o teor principal do que foi checado, ou seja, buscando fazer uma análise temática dessas checagens. Por corresponderem aos critérios de escolha dos boatos a serem checados por sua expressividade e alcance, conseguimos ter uma boa amostra das informações enganosas a partir das checagens.

A categorização foi realizada, em um primeiro momento, pela identificação da temática dos elementos e em seguida pelo agrupamento deles. A partir disso foi possível a localização de temas que se repetiam e temas que apareceram de forma isolada. Assim, chegamos a quatro grandes categorias: Prevenção, Tratamento, Vacina e Negação.

- **Prevenção:** categoria em que consideramos os conteúdos sobre a desinformação de cuidados de prevenção (incluindo os testes, uso de máscaras e álcool em gel), além do cumprimento e possíveis efeitos da quarentena, assim como a atuação política e aplicação de recursos financeiros para prevenção dos contágios.
- **Tratamento:** categoria que engloba as desinformações sobre relatos de profissionais da saúde e falsas indicações de tratamento, uso de cloroquina, sua variação hidroxicloroquina e ivermectina, receitas naturais para cura e falso controle da doença.

- **Vacina:** informações falsas ou enganosas que buscam questionar a procedência e qualidade das vacinas que estão sendo desenvolvidas pelos laboratórios.
- **Negação:** desinformação que busca negar a pandemia através de questionamentos sobre números de mortes e de internados, além de especulação por meio de teorias conspiratórias.

A partir da categorização chegamos a esses resultados:

Categoria	Quantidade de checagens
Prevenção	10
Tratamento	17
Vacina	8
Negação	6
Total de checagens	41

Em relação à categoria prevenção, destacamos três exemplos de temáticas checadas por informações falsas sobre testes para Covid-19, uso de máscaras e do álcool em gel, na tentativa de tornar esses aliados para a proteção contra a doença em inimigos.

Prevenção

20/07	<u>Máscaras são eficientes no combate ao novo coronavírus, ao contrário do que diz influenciador</u>
28/07	<u>Bombeiros desmentem boato sobre incêndio causado por álcool em gel em chave de carro</u>
13/07	<u>Não, teste para detectar novo coronavírus não causa inflamação no cérebro</u>

Na categoria tratamento, representando o maior número de checagens, os exemplos trazem referências aos medicamentos cloroquina e ivermectina, vídeo em que médico defende o uso de cloroquina no tratamento contra o novo coronavírus, além de afirmar que o uso da máscara "faz acidificar o sangue" e, conseqüentemente, "diminui o sistema imunológico".

Tratamento

10/07	<u>Estudos falharam em provar benefício da cloroquina para tratamento da covid-19</u>
13/07	<u>É falso que a África tenha controlado pandemia com ivermectina</u>
03/07	<u>Médico distorce informações sobre a covid-19 em vídeo</u>

Para a categoria vacina, identificamos que as desinformações buscam desqualificar e questionar as vacinas a partir da sua composição, laboratório e as possíveis reações que elas podem causar, como nos exemplos abaixo.

Vacina

24/07	<u>É enganoso afirmar que vacina de Oxford usa 'células de fetos abortados'</u>
-------	---

28/07	<u>Foto de alergia a amendoim é compartilhada como se fosse reação a vacina contra covid-19</u>
28/07	<u>Boato distorce relato de mulher que diz ter participado de testes da vacina de Oxford</u>

Já na categoria negação, os exemplos questionam a doença a partir do número de mortes e de internados, além de sugerir que os dados indicam o fim da pandemia.

Negação

20/07	<u>É falso que médicos franceses tenham protestado contra ‘farsa’ da covid-19</u>
14/07	<u>Hospital Geral de Fortaleza ainda tem pacientes com covid-19 em UTI</u>
24/07	<u>Publicação engana ao dizer que pandemia está em declínio após ‘zerar excesso de mortes’</u>

Das 41 checagens realizadas, apenas uma foi considerada verdadeira com a etiqueta ‘Comprovado’, 15 foram consideradas enganosas, 18 falsas, seis fora de contexto (etiqueta apresentada pelo Estadão Verifica) e uma não possuía uma etiqueta clara de checagem. Além desses dados, a análise das 41 checagens também possibilitou outras inferências. A primeira delas é que a principal origem dos boatos verificados é o *Facebook*, pelo menos 22 checagens colocaram esta plataforma como a fonte do conteúdo. Outras nove checagens apresentam o *Facebook* como um dos lugares que a desinformação circulou, em conjunto com outras plataformas. Quatro checagens apresentaram a origem no *Instagram* e seis foram encontradas em *sites*, como o ‘Pleno.News’ e ‘Notícias Brasil Online’.

A predominância dessa origem se justifica, principalmente, pela parceria do Estadão Verifica com o *Facebook* para a checagem dos conteúdos. Pelo *blog* ser verificado pelo IFCN, tem acesso a uma lista de publicações suspeitas e potencialmente falsas. Quando uma informação é checada a partir dessa lista, há uma sinalização no *blog*:

Este boato foi checado por aparecer entre os principais conteúdos suspeitos que circulam no Facebook. O Estadão Verifica tem acesso a uma lista de postagens potencialmente falsas e a dados sobre sua viralização em razão de uma parceria com a rede social. Quando nossas verificações constatam que uma informação é enganosa, o Facebook reduz o alcance de sua circulação. Usuários da rede social e administradores de páginas recebem notificações se tiverem publicado ou compartilhado postagens marcadas como falsas. Um aviso também é enviado a quem quiser postar um conteúdo que tiver sido sinalizado como inverídico anteriormente (PRATA, 2020).

Outro dado interessante que surge com a análise é que pelo menos sete informações enganosas ou falsas que foram checadas correspondem à declarações dadas ou conteúdos publicados por médicos ou enfermeiros, profissionais da linha de frente no combate à pandemia que desinformaram, principalmente, disseminando dados não comprovados sobre tratamento da doença.

Considerações finais

Esse cenário de crença das pessoas em informações falsas e nos argumentos mais absurdos sobre a pandemia da Covid-19, dificulta ainda mais o combate à doença e torna a sociedade descrente para adoção das recomendações de saúde que garantem a sua própria proteção. A sensação de que fatos e evidências têm menos relevância na formação da opinião pública, que o apelo às emoções provocados por essas mensagens falsas, sustenta a ideia de uma pós-verdade. Expressão popularizada nas eleições presidenciais americanas e na saída do Reino Unido da União Europeia, chegando a ser classificada como a palavra do ano de 2016 pelo Dicionário Oxford²⁶.

Percebe-se, a partir da quantidade de desinformação compartilhada nas redes sociais digitais, a importância da checagem de fatos para buscar qualificar o debate sobre a doença e informar a população sobre os dados seguros sobre a Covid-19. Dentro da exploração do material verificamos que há vídeos com informações falsas que ultrapassaram as duas milhões de visualizações, além do compartilhamento que pode ter sido feito em aplicativos em que não é possível rastrear, como o *WhatsApp*. Portanto, compreendemos o importante papel que o jornalismo, através do *fact-checking*, assume neste cenário.

No entanto, apesar dos esforços e parceria com plataformas digitais – como o *Facebook* –, o alcance do *fact-checking* ainda é limitado e não atinge todo o público que a desinformação atinge, nem caminha na mesma velocidade. Por isso acreditamos que é necessário ir além e pensar em outras soluções que possam ser aliadas no combate a esse fenômeno, “é preciso ligar um sistema de alerta para o fato de que aquilo que está em questão é a capacidade humana de fazer sentido, confiar e compreender o papel de cada um e de todos em um mundo em metamorfose” (SANTAELLA, 2019, p. 45).

²⁶ Pós-verdade. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/1479308638_931299.html. Acesso em: 8 de out. 2020.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Pandemia da Covid-19.** Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 2 de out. 2020.

AGÊNCIA BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da internet no Brasil.** <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>>. Acesso em: 3 de out. 2020.

ALMEIDA, A; QUADROS, C. *As fake news são sintoma de quê?. Fake news e saúde /* Fundação Oswaldo Cruz. Gerência Regional de Brasília - Brasília: As Relações da Saúde Pública com a Imprensa, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BBC. **Efeitos trágicos da desinformação sobre a Covid-19.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53054554>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

CORREIOBRASILIENSE. **Manifestação contra vacinas.** Disponível em: <<https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2020/09/4873806-video-nao-queremos-a-vacinamos-temos-a-cloroquina-dizem-manifestantes.html>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

COSTA, Luciana; NÓBREGA, Lizete. Fact-checking: a reinvenção do jornalismo em tempos de *fake news*. In: **ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, 12, 2019, Natal. Anais eletrônicos. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/12o-encontro-2019/gt-2013-historia-do-jornalismo>> Acesso em: 09 out. 2020.

ESTADÃOVERIFICA. **Checar fatos e desmonstar boatos.** Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/estadao-verifica-vai-checar-fatos-e-desmontar-boatos/>> Acesso em: 04 out. 2020.

ESTADÃOVERIFICA. **Checagens sobre o coronavírus.** Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/veja-todas-as-checagens-sobre-coronavirus-publicadas-pelo-estadao-verifica/>> Acesso em: 04 out. 2020.

FAAP. Disponível em: <<http://www.faap.br/>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

FACEBOOK. **Journalism Project.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/journalismproject>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

FIOCRUZ. **Eu Fiscalizo na Pandemia da Covid-19.** Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-identifica-principais-fake-news-relacionadas-covid-19>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

FIRSTDRAFT. Disponível em: <<https://firstdraftnews.org/>>. Acesso em: 6 de out. 2020.

GOOGLE. *News Initiative.* Disponível em: <https://newsinitiative.withgoogle.com/intl/pt_br/>. Acesso em: 6 de out. 2020.

GOMIDE, F. **Anticência: do Século XV aos Pós-Modernos**, 1996. Disponível em: <http://www.ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/fmg19970900.htm>. Acesso em: 6 de out. 2020.

ITSRIO. **Relatório Hablatam**. Disponível em: <<https://itsrio.org/wp-content/uploads/2020/08/Relat%C3%B3rio-Hablatam.pdf>>. Acesso em: 5 de out. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Confirmação do primeiro caso de coronavírus no Brasil**. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>>. Acesso em: 2 de out. 2020.

PAHO. **Boletim com número de casos de Covid-19**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19#:~:text=Foram%20confirmados%20no%20mundo%2034.161,2%20de%20outubro%20de%202020>>. Acesso em: 4 de out. 2020.

PAHO. **Entenda a Infodemia e a Desinformação na Luta Contra a Covid-19**. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=5>. Acesso em: 2 de out. 2020.

POYNTER. **International Fact-Checking Network**. Disponível em: <<https://www.poynter.org/ifcn/>>. Acesso em: 04 out. 2020.

PRATA, Pedro. **Ex-senador espalha desinformação sobre acordo de produção de vacina contra o novo coronavírus no Brasil**. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/ex-senador-espalha-desinformacao-sobre-acordo-de-producao-de-vacina-contra-o-novo-coronavirus-no-brasil/>> Acesso em: 06 out. 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

SCOFIELD, Gilberto. Desconstruindo as *fake news*: o trabalho das agências de *fact-checking*. In: BARBOSA, Mariana. **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

WARDLE, C. **Fake News. It's Complicated**. 2017. Disponível em: <<https://firstdraftnews.com/fake-news-complicated/>>. Acesso em: 8 de out. 2020.

WHATSAPP. **Central Coronavírus**. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/coronavirus/?lang=pt_br>. Acesso em: 6 de out. 2020.

YOUTUBE. **Coletiva de imprensa do Ministro da Saúde**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=4067&v=wVdy63JrE_k&feature=emb_logo>. Acesso em: 2 de out. 2020.